



Vem chegando o verão

E, com ele, carrapatos, moscas, bernes e verminoses

A boa notícia é que com um manejo integrado e racional é possível garantir o sossego e a saúde do rebanho leiteiro

TÂNIA POLGRIMAS

Desafio é a palavra mais apropriada quando se fala em controle de carrapatos, verminoses, bernes e moscas em um rebanho leiteiro. Lembrando que, no verão, o problema se agrava, em função do maior calor e da umidade, que são condições propícias para a multiplicação destas pragas. Desafio porque alguns dos princípios ativos utilizados na fórmula de carrapaticidas, bemicidas, mosquicidas e vermífugos começam a não trazer o efeito desejado, por causa da resistência que os agentes biológicos



já adquiriram em relação a eles. Isto dificulta enormemente o controle e faz muito produtor de leite gastar dinheiro à toa.

E para início de conversa fica um alerta ao criador que está às voltas com algum nível de infestação no rebanho: a solução aparentemente mais simples, de utilizar logo de cara produtos químicos recomendados pelo balconista da loja agropecuária ou pelo vizinho, nem sempre é a mais eficaz. O médico veterinário Felipe Zanforlin Freitas, da consultoria Grupo Apoiar, indica que o manejo integrado – que alia medicamentos, atenção à nutrição dos animais, um pasto bem cuidado, vedação de piquetes, um ambiente desfavorável à reprodução dessas pragas, respeito aos prazos de controle e às melhores épocas – é a alternativa que traz mais resultados, com a vantagem de prolongar a eficácia dos medicamentos.

Ele orienta: “Deve-se, por exemplo, observar o ambiente e o que facilita a proliferação de moscas. No caso de verminoses, ter um cuidado extra com bezerros e vacas no pré e pós-parto, por causa da imunidade fragilizada dessas categorias, que aumenta o risco de infestação, além de observar a condição clínica dos animais antes de optar pelo controle químico. E, com carrapatos, atentar para a aplicação de carrapaticidas em momentos corretos e também para o manejo do pasto, vedando, por exemplo, áreas muito infestadas por determinado período”, recomenda Freitas.

O assistente agropecuário Paulo Henrique Selbmann Sampaio, do Instituto Biológico de São Paulo da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo (IB-Apta), reforça que o ideal é o produtor avaliar o grau de infestação no rebanho e quais são as espécies mais prevalentes para se utilizar o tratamento químico correto. “No caso de verminoses, eu não preciso necessariamente sair tratando todos os animais; se a infestação for baixa, não é necessário”, diz Sampaio.

Ele acrescenta que há um teste de laboratório, feito pelo Instituto Biológico, na capital paulista, que faz a contagem de ovos nas fezes dos animais. “É o exame de ATG parasitoló-



Animal infestado de larvas que daí uns dias se tornarão adultas ingurgitadas

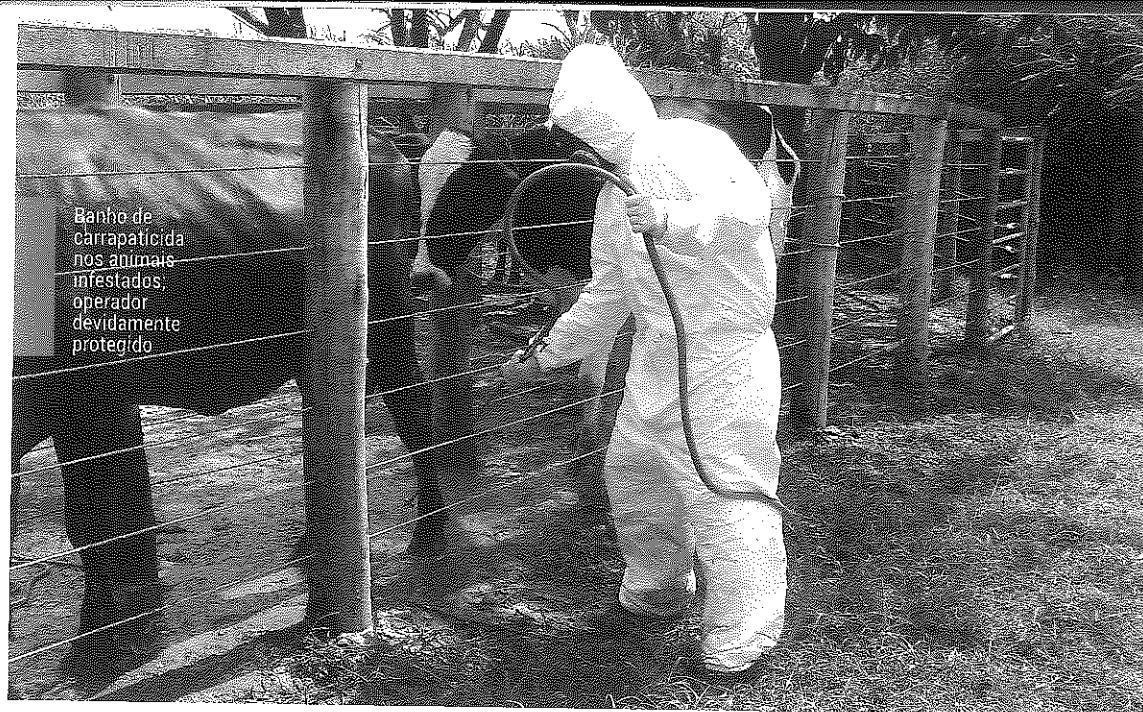
gico”, diz. “Se o número der abaixo de 100 ATG, o tratamento químico é dispensável.” Com esse teste em mãos e identificando especificamente os animais que necessitam de tratamento, economiza-se em remédios e também não se perde leite, já que alguns vermífugos – assim como carrapaticidas e outros produtos químicos aplicados diretamente nos animais – têm um período de carência após a aplicação, sendo obrigatório o descarte do leite por alguns dias. “No caso de verminoses, de maneira geral, os bezerros são mais suscetíveis”, comenta Sampaio. “Os animais adultos desenvolvem resistência.”

CARRAPATOS trazem mais dor de cabeça aos produtores para obter um controle mais efetivo



Larvas, na ponta do capim, esperando a passagem de um hospedeiro para se fixarem nele

Por isso, o pesquisador Raul Mascarenhas, da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP, recomenda que a aplicação mais intensa de vermífugos (caso necessária) seja feita no rebanho somente até os 2 anos de idade. “Até os 6 meses de vida deve-se fazer uma vermifugação mensal; dos 6 meses a 1 ano, bimestral e, de 1 até 2 anos, uma semestral”, explica. A partir daí, faz-se uma vermifugação anual, recomenda o pesquisador, acrescentando que devem ser tomados alguns cuidados extras quanto a vacas em início de gestação, que não podem receber vermífugos sob o risco de má-formação do feto. “Não há restrições



Banho de carrapaticida nos animais infestados; operador devidamente protegido

para vacas em fim de gestação”, diz.

Mascarenhas ressalta, porém, que qualquer que seja a praga a atacar o rebanho, se os animais estiverem bem nutridos os impactos serão menores. “Existe uma relação entre a proteína bruta da dieta e a quantidade de parasitas que acometem o gado”, diz Mascarenhas. “Se houver deficiência de proteína na dieta, o animal tende a hospedar mais parasitas.”

Quanto aos carrapatos – um problema que acomete todo o rebanho, independentemente da idade –, a questão é mais delicada, principalmente

por causa da resistência cada vez maior desse parasita aos tratamentos químicos. O pesquisador Raul Mascarenhas alerta que várias questões devem ser observadas no controle de carrapatos bovinos. Uma delas é aprender que o tratamento tem maior eficácia nos meses de seca, embora nas águas a infestação seja maior.

“Na seca, o ambiente de pasto é desfavorável para os carrapatos”, diz o pesquisador. “Então, onde eles ficam nessa época? Nos animais, só que em menor quantidade por causa das condições desfavoráveis à sua multiplicação no campo”, continua. “O ideal, por isso, é, antes de as chuvas voltarem, fazer um tratamento com carrapaticida no rebanho”, explica Mascarenhas. “Se a aplicação for feita ainda na seca, quando chegar o verão haverá uma quantidade muito menor de carrapatos saltando das vacas para o pasto e infestando os campos.”

O manejo integrado envolve também a compreensão do ciclo de vida dos carrapatos. O pesquisador da Embrapa explica que, quando a larva sai do pasto para se agarrar ao bovino, fica por 22 dias no animal até virar uma fêmea ingurgitada (cheia de sangue) e voltar ao campo, para botar milhares de ovos no pasto. Estes ovos, por sua vez, levam 32 dias para crescer, virarem larvas, micuins, voltarem ao bovino e repetirem o ciclo. “Se nesses 32 dias a larva não encontrar hospedeiro, ela morre.” Mascarenhas recomenda, por isso, que em pastagens muito infestadas pode-se simplesmente vedar o acesso dos animais por 32 dias para que as larvas que estiverem ali não sobrevivam, por falta de hospedeiro – os bovinos. “Em pastejos rotacionados, essa prática é mais complicada porque não dá para fechar os piquetes

“Se a aplicação for feita ainda na seca, quando chegar o verão haverá uma quantidade muito menor de carrapatos saltando das vacas para o pasto.”

Raul Mascarenhas

